



Protagonismo Migrante na Web: Uma observação exploratória em torno do conceito de *web-diaspóricas*¹

Liliane Dutra BRIGNOL²

Centro Universitário Franciscano, UNIFRA, Santa Maria, RS

RESUMO

O artigo integra reflexões do projeto de pesquisa em desenvolvimento “Usos sociais da internet em *web-diaspóricas*: um estudo sobre o novo lugar do sujeito no processo da comunicação”. O objetivo é estudar as relações entre produção e consumo na internet de modo a discutir sobre o novo lugar do sujeito no processo comunicacional a partir da análise de usos sociais de sites, blogs e portais criados a partir da vinculação à experiência da diáspora, o que se propõe como *web-diaspóricas*. Parte-se da contextualização sobre usos da internet relacionados às migrações transnacionais contemporâneas, ao se perceber um movimento no qual as tecnologias assumem um papel importante no cotidiano dos migrantes. A estratégia metodológica implica em um olhar etnográfico, baseado na etnografia virtual, sobre a experiência da diáspora na web. No artigo, é apresentado o resultado de um mapeamento inicial em que é possível perceber como questões de identidades, em uma construção transnacional, são apontadas como características comuns entre as *web-diaspóricas* estudadas.

PALAVRAS-CHAVE: Web; identidades; migração; usos sociais da internet.

Este artigo integra reflexões no contexto do projeto de pesquisa “Usos sociais da internet em *web-diaspóricas*: um estudo sobre o novo lugar do sujeito no processo da comunicação”, em desenvolvimento até novembro de 2012³. Na investigação, a proposta é aprofundar o conceito de *web-diaspóricas*, criado na tentativa de explicar o fenômeno das múltiplas apropriações da web por sujeitos que vivem a experiência da diáspora em seu cotidiano. São sites, blogs, portais de notícias, comunidades virtuais, fóruns desenvolvidos por migrantes ou dirigidos a esses coletivos em que as questões do

¹ Trabalho apresentado no GP Cibercultura do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação, professora do curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano, UNIFRA, Santa Maria - RS, email: liliane.brignol@gmail.com

³ A pesquisa é desenvolvida com apoio institucional da Unifra, Santa Maria – RS e com apoio financeiro do CNPq (Edital MCT/CNPq 14/2010 – Universal). É realizada no âmbito do curso de Jornalismo da Unifra e conta com a coordenação da profa. Dra. Liliane Brignol, a colaboração da professora Me. Stefanie da Silveira, e a participação de uma bolsista de iniciação científica Dandara Flores (Probic-Unifra), e quatro acadêmicas de Jornalismo, Verônica Barbosa, Daiane Costa, Luiza Dias Oliveira e Carolina Moro da Silva. Mais informações podem ser obtidas no blog do grupo de pesquisa: <http://internetecidadania.wordpress.com/>.



deslocamento, da diáspora e de todas as suas implicações, sociais, culturais, políticas, econômicas e também jurídicas, são tematizadas.

Na construção teórica, a diáspora é entendida, nos termos de Hall (2003), a partir de uma ampliação da compreensão sobre as migrações contemporâneas, que rompe com uma oposição rígida da diferença, e passa a ser compreendida como ponto de partida para compreensão das relações identitárias. Afastando-se de seu sentido literal, ligado à ideia de dispersão de povos causada por intolerância ou perseguição, a diáspora assume um sentido metafórico que permite trazer elementos para pensar sobre as identidades cada vez mais fluídas, marcadas pelo jogo das diferenças, pelo confronto entre um passado imaginado e um presente cada vez mais compartilhado.

É preciso, ainda, pensar o próprio conceito de identidade em função do impacto das transformações culturais que caracterizam as migrações contemporâneas, tão presentes como dinâmicas sociais marcadas pelo deslocamento entre múltiplos fluxos migratórios. Segundo Blanco (2000), em 1995, sem considerar os migrantes não regularizados, eram 125 milhões os que residiam fora de seu país de origem. Em 2000, dados das Nações Unidas indicavam que 175 milhões de pessoas, ou 3% da população mundial, viviam fora de seu país de nascimento. Segundo dados divulgados pela Organização Mundial para as Migrações⁴, estima-se que existam hoje 214 milhões de migrantes transnacionais no mundo.

Em pesquisa anterior, desenvolvida como tese de doutorado (BRIGNOL, 2010), através de uma aproximação a usos sociais da internet por migrantes latino-americanos residentes em Barcelona, na Espanha, e Porto Alegre, no Brasil, refletimos sobre o papel que a rede mundial de computadores ocupa no cotidiano dos sujeitos e o impacto que desempenha para a própria vivência da experiência da migração. Entre as apropriações relacionadas com a trajetória de deslocamento identificadas e discutidas na pesquisa, pontuamos dez dimensões de usos sociais da internet relacionados ao fenômeno migratório: como apoio na construção de projetos de migração, na manutenção de laços entre famílias e relações transnacionais, nos vínculos informativos com o país de nascimento, no consumo e na produção culturais, no aprendizado de idiomas dos locais para os quais migraram, na obtenção de informações ligadas à cidadania jurídica, em usos de mídias de migração, como companhia e ócio, na participação política mediada tecnologicamente e na organização em entidades e

⁴ A OIM (www.iom.int), criada em 1951, é uma organização intergovernamental no âmbito das migrações e trabalha com a colaboração de associados governamentais, intergovernamentais e não governamentais.



movimentos associativos, atravessados pela condição migrante, latino-americana ou pelo sentido de pertença a uma identidade nacional ou étnica.

A partir da discussão desses diferentes sentidos construídos pelos usos da internet por migrantes, percebemos que uma das perspectivas em destaque nessas múltiplas apropriações é a possibilidade de o sujeito assumir um protagonismo maior no processo comunicativo. Esse protagonismo é acionado por meio de diferentes movimentos, sem desconsiderarmos que são limitados por questões relacionadas com a mediação tecnológica, pelo modo como cada um se relaciona com as tecnologias, pelas histórias pessoais que vão se entrelaçando com as histórias midiáticas, pelo tipo de acesso e pelas competências individuais.

Grande parte desse debate se inscreve em uma discussão a cerca da relação entre ditas mídias de massa e mídias em rede (CARDOSO, 2007). As primeiras são marcadas por uma lógica de distribuição vertical, com a produção centralizada por um pequeno grupo para um grande número de receptores, enquanto as segundas marcariam uma produção distribuída de forma horizontal, com uma ampliação do número de produtores em uma lógica menos hierárquica estabelecida com um universo mais pulverizado de receptores, cada vez mais segmentados, especializados e atuantes no processo de busca e consumo da oferta midiática, ao mesmo tempo em que também potenciais produtores de mídia.

Mesmo que a comunicação interpessoal sempre tenha sido marcada pela aproximação e troca entre produção e recepção e a alternância de funções possa ser observada, em menor escala, com a participação em produtos midiáticos tradicionais, há uma intervenção do receptor no ciberespaço em uma dimensão ampliada. A redução das distâncias entre emissor e receptor define uma das características que coloca a internet como um meio que redimensiona o processo de comunicação pela possibilidade de maior participação desde a ruptura do modelo de “um para todos” até se vislumbrar a possibilidade da produção de “todos para todos”, como aponta Lemos (2003) ao analisar o que chama de “liberação do pólo da emissão”.

Leitores-produtores: novo protagonismo do sujeito no processo da comunicação

Características potencializadas pela comunicação mediada pelo computador e pelas mídias em rede, como interatividade, hipertextualidade e convergência, trazem implicações para o redimensionamento do lugar do sujeito no processo da comunicação. A discussão proposta parte de uma compreensão do sujeito a partir da idéia de



incorporação ao indivíduo de uma dimensão de reconhecimento, construída a partir de relações intersubjetivas, de afirmação e construção social do eu.

Em um brevíssimo resgate, podemos pensar o sujeito a partir de três concepções centrais, em um esforço de sistematização de diferentes perspectivas para compreensão do conceito, como retomado por Hall (1999): o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Segundo Hall, o primeiro estaria baseado em uma concepção da pessoa humana como um indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, consciência e ação, cujo centro estaria em um núcleo interior nascido com o sujeito. A noção de sujeito sociológico reflete a crescente complexidade do mundo moderno e a compreensão de que o núcleo interior do sujeito não é autônomo e autosuficiente, mas formado na relação com os outros. Por último, a concepção de sujeito pós-moderno traz implicada a idéia de descentramento e fragmentação do sujeito, sempre composto de muitas identidades assumidas em posições diferentes.

Nas palavras de Castells (1999, p. 26), “sujeitos não são indivíduos, mesmo considerando que são constituídos a partir de indivíduos. São o ator social coletivo pelo qual indivíduos atingem o significado holístico em sua experiência”. Touraine (1998, p. 25) chega a afirmar que o sujeito é a combinação de uma identidade pessoal e de uma cultura particular com a participação em um mundo racionalizado e como afirmação de sua liberdade e sua responsabilidade. Nesta perspectiva, para Touraine, o sujeito é o desejo do indivíduo de reconstituir-se, reconhecer-se e afirmar-se, de dar sentido ao conjunto de experiências da vida individual.

García-Canclini (2008), em uma abordagem interessante, fala de redefinições na instância do consumo através da internet, enfatizando o lugar do sujeito – até então percebido apenas pela instância da recepção – no processo da comunicação. Segundo o autor, ao considerar as transformações percebidas a partir de apropriações das tecnologias, é possível falar da emergência de uma nova forma de interação do sujeito com as tecnologias da informação e da comunicação, o que leva à possibilidade de novas formas de leitura, novas formas de comunicar e de participar em sociedade.

O autor traz pistas sobre o macrocenário de transformações, o papel dos meios de comunicação e uma nova postura do sujeito, a partir da análise de diferentes fenômenos interligado, como a convergência midiática e a hipertextualidade, que já abordamos. Embora García-Canclini (2008) lembre dos avanços na compreensão do papel ativo do leitor ou da audiência, através dos estudos de recepção, enfatiza que esses sujeitos ganham um status diferente diante das tecnologias da comunicação. Sabemos



que a audiência não é nem ingênua ou manipulada, nem dona de subjetividade absoluta, mas participa de um processo no qual os sujeitos têm suas experiências atravessadas pelos usos das tecnologias e passam a interagir de forma ampliada a partir delas.

Entre as mudanças no estatuto do sujeito leitor apontadas por García-Canclini, aparecem as relações de produção diante das novas formas de leitura. O velho esquematismo do leitor sentado na frente de uma mesa diante do livro, tendo uma produção mais intelectual, ou seja, sendo mais ativo, e do espectador retratado como um sujeito passivo, que recebe o que vê ao assistir a um filme na poltrona do cinema ou no sofá de casa, é impossível de ser sustentado diante da figura do internauta. “O que faz o internauta quando está diante do computador?”, pergunta-se o autor (2008, p. 43), ao constatar que “o esquematismo que ainda tende a colocar o leitor do lado dos ativos, pensando, e o espectador do lado dos passivos, submissos, que nunca se sustentou, acaba de ruir quando leitura e espetáculo combinam-se no internauta”.

Impossível classificar, como antes, o leitor como destinatário do sistema editorial e o espectador como consumidor de cinema, música, televisão. Com a consolidação da presença do internauta, começamos a pensar em termos de um agente multimídia que subverte a ordem: lê, ouve, assiste, combina materiais diversos, produz conteúdo, se comunica. Mais do que isso, esses três personagens podem combinar-se a todo o tempo no mesmo sujeito.

Esse sujeito apropria-se de tecnologias - como a da telefonia móvel ou dos programas para troca instantânea de mensagens pela internet -, que mudam os limites entre trabalho e ócio, permitem uma nova relação com as distâncias ao facilitar a comunicação com quem está longe e ampliam as ofertas de interação em tempo real dentro de um espaço virtual.

Importante ressaltar que a dinamização do papel do leitor não significa, *a priori*, uma capacidade maior de hierarquização e seleção diante de um acúmulo de informações, apontado como um grande problema vindo junto com a possibilidade de expansão da memória e democratização do acesso à produção. No geral, o sujeito, pensado em termos de um leitor-espectador-internauta, para García Canclini, leitor-produtor, como preferimos, vê-se diante do desafio de fazer uso das tecnologias disponíveis de modo a ampliar suas possibilidades de informação e comunicação, sem perder-se no mar de ofertas ou, ao contrário, limitar-se aos modelos pré-estabelecidos pelas grandes empresas de comunicação multimídia.



Aqui pensamos esse leitor-produtor como o sujeito que se apropria das mídias segundo suas necessidades e interesses, ressignificando-as em suas práticas cotidianas. Nesse sentido, as mídias em rede, sobretudo a partir da internet, podem ser entendidas como tecnologias que permitem a construção de projetos individuais ou coletivos desenvolvidos a partir de suas múltiplas dimensões e graças a suas características de interatividade e apropriação flexível.

Lembramos que a relação com as múltiplas dimensões da internet (entre elas, como banco de dados, mídia e ambiente de relacionamento) configuram possibilidades de participação distintas aos sujeitos que a utilizam. Certamente há uma atuação maior quando esses usos relacionam-se com as dimensões propriamente interacionais da internet, em detrimento dos usos próximos a suas lógicas midiáticas, embora seja possível perceber um aumento também dessas possibilidades de participação, inclusive com a incorporação de espaços interativos, de sugestão e produção mesmo em sites que referem mídias convencionais, como telejornais ou jornais impressos.

Como exemplo de usos da internet para projetos individuais ou coletivos, para além da clara ampliação da possibilidade de participação do sujeito por meio de escolhas a partir da lógica do hipertexto ou diante da segmentação de conteúdos, destacamos sua intervenção direta como produtor e consumidor da informação. Vale destacar, nessa perspectiva, as práticas de *jornalismo cidadão ou colaborativo*⁵, fenômeno relativamente recente, que podemos caracterizar, de um modo geral, como a participação efetiva do sujeito que até então tinha reservado apenas o papel de consumidor na produção e circulação de mensagens através de espaços de comunicação construídos a partir da lógica de redes, de modo colaborativo e interativo. Essa participação pode se dar em diferentes níveis e em múltiplos ambientes comunicacionais, como em blogs, sites noticiosos, sites de redes sociais, entre outros.

Aparecem referências mesmo na mídia convencional, de espaços para a participação do leitor através do envio de sugestões de pauta ou de pequenas notícias para sessões identificadas como *leitor repórter*, *repórter cidadão*, *você repórter*, entre outras, em uma clara alusão à necessidade de incorporar a participação do consumidor

⁵ Aparecem os conceitos de jornalismo colaborativo ou participativo (PRIMO; TRASEL 2006), jornalismo *open source* ou de código aberto (BAMBRILLA, 2006), jornalismo cívico, além de jornalismo cidadão (GILLMOR, 2005), cada qual com sentidos parcialmente distintos, mas que implicam na redefinição do papel de produtores e consumidores no processo de comunicação e na produção de informação, o que implica em uma aproximação dos limites entre as duas esferas. A participação pode se dar em diferentes níveis e em múltiplos ambientes comunicacionais, como em blogs, sites noticiosos específicos, sites de redes sociais, entre outros.



no processo produtivo, além de uma resposta à proliferação de novas vozes construídas através de espaços de produção mais autônomos na internet.

Os weblogs ou blogs⁶ também aparecem como importantes agentes da dinamização do conteúdo e proliferação das vozes que os emitem. Surgidos com a ideia de servirem como diários pessoais, visto que organizam as publicações a partir da ordem cronológica a partir da postagem mais atual, tiveram seus usos ampliados, ultrapassando os limites de uma publicação pessoal de caráter intimista, para a abordagem de temáticas diversas, dando visibilidade a demandas, e configurando usos que podem tanto ser empresarias, relacionados a entidades civis, de caráter jornalístico ou literário, de propaganda política, entre outros. Entendemos que os blogs permitem a discussão e a participação social, a partir da possibilidade de interação e referência a outros espaços semelhantes e da postagem de comentários às publicações feitas, ampliando as possibilidades comunicativas dos leitores-produtores.

O fenômeno da ampliação da participação de diferentes atores na web, com a democratização do acesso à produção, vem sendo abordado por outros diferentes autores. Piotet e Pisani (2010), por exemplo, ao tratar da dimensão social da web, traçam um panorama em que se percebe um sistema rico de relações alimentado pelo aumento do número de usuários e das ferramentas à disposição deles, criando uma dinâmica em rede ativa entre quem nomeiam como web atores, os interagentes, a um só tempo consumidores e produtores de informação e comunicação. Nesta perspectiva, os migrantes que assumem o protagonismo diante das plataformas de comunicação da web são entendidos também como sujeitos de um cenário de mudanças nos usos das TICs.

Protagonismo migrante na web: do conceito de *web-diaspóricas* ao percurso metodológico

Nem todos os sujeitos podem ser efetivamente considerados produtores na internet, em uma dimensão plena, que incluiria a criação de conteúdo próprio, autoral, e pelo compartilhamento de sentidos em diferentes espaços comunicacionais. Entretanto, com base na dinâmica observada na lógica em rede da internet, todos, de um modo ou de outro, podem ser pensados como leitores-produtores, sujeitos que constroem

⁶ Os weblogs ou blogs, segundo Primo e Recuero (2003, p. 3), são “sistemas de publicação na web baseados nos princípios de microconteúdo e atualização frequente. O sistema vem ganhando crescente popularidade, graças à facilidade de publicação, uma vez que proporciona que qualquer um, mesmo sem conhecer a linguagem HTML, possa publicar seu blog”.



percursos próprios de usos da internet, muito vinculados a seus interesses, necessidades e trajetórias.

Nessas trajetórias, ganha força a experiência da migração como dinamizadora das relações identitárias e dos sentidos de pertencimento, com significativo impacto no perfil de usos da internet, o que inclui a criação de ambientes comunicacionais marcados pela lógica do deslocamento e pela vivência da diáspora. É o que se propõe com o conceito de *web-diaspóricas*, entendidas como múltiplos ambientes de comunicação na web criados, mantidos, atualizados, usados por migrantes que passam a se apropriar da facilidade de acesso à esfera da produção na internet para seus próprios objetivos e demandas. Como *web-diaspóricas* são incluídos tanto páginas web, sites temáticos sobre migrações, quanto weblogs, sites pessoais, sites de ONGs e associações que, de algum modo, são atravessados por questões relacionadas aos fluxos migratórios contemporâneos.

Outros autores que se dedicam a estudar mídia e migrações fazem referências à ideia de *web-diaspóricas*. Scopsi (2009) aborda o papel das páginas web construídas por migrantes de unir os membros dos coletivos em diáspora, de modo a contribuir no reforço a um sentimento de pertença para grupos muitas vezes dispersos geograficamente. A autora chega a questionar sobre a possibilidade de as *web-diaspóricas* serem entendidas como um novo gênero midiático. Em *Native on the Net* (LANDZELIUS, 2006), embora não adotem o termo *web-diaspórica*, um grupo de pesquisadores de diferentes universidades e centros de pesquisa do mundo falam sobre identidades mediadas por usos das tecnologias e a construção de comunidades de minorias sociais e grupos que passam pela experiência da diáspora na internet.

Como vimos, as *web-diaspóricas* aparecem como sinalizadoras de um contexto maior de novos imbricamentos entre produção e consumo dos meios de comunicação, mais especialmente da internet, em que se percebe um protagonismo assumido pelos sujeitos como interagentes em sites, blogs, fóruns de discussão, comunidades virtuais. Investigar essas relações e as implicações trazidas para os processos comunicacionais trata-se de um desafio importante para o campo da pesquisa em comunicação.

Como abordagem metodológica, propomos uma perspectiva da etnografia virtual, a partir da aproximação à esfera de seus usos, de modo a permitir levantar eixos de análise. Entendemos como perspectiva etnográfica a adoção de uma metodologia que reúne diferentes técnicas de pesquisa a fim de permitir a descrição detalhada e



interpretação do contexto investigado por meio da observação, aliada a relatos orais obtidos por meio de entrevistas, resultando num texto minucioso.

O ponto central da proposta é a aproximação aos usos sociais da internet observados em sites dedicados a tematizar as migrações através de um olhar cuidadoso, aliado à prioridade no uso de técnicas não diretivas e na busca de reflexividade. Neste contexto, usos sociais da internet são entendidos a partir do aporte de autores como Martín-Barbero (2002; 2006) e De Certeau (1994), como múltiplas apropriações e ressignificações dos meios de comunicação a partir das práticas cotidianas.

Para a orientação da pesquisa, a etnografia é entendida em sua tríplice acepção de enfoque, método e texto (GUBER, 2001). Como enfoque, trata-se de analisar os fenômenos desde a aproximação aos atores sociais, por meio da descrição densa ou interpretação. Como método aberto de investigação, a etnografia vale-se especialmente de entrevistas não-diretivas e observação. O produto da análise é um relato escrito, um texto que relaciona experiência de campo e teoria. O trabalho, no entanto, não propõe a construção de uma etnografia tradicional, trata-se da inspiração em um modo proposto de movimentação no campo, de coleta de dados muito baseada na observação e na reflexividade do pesquisador.

Como aponta Guber (2001), a etnografia reúne um conjunto de atividades de “trabalho de campo”, cujo resultado se emprega como evidência para a descrição e a interpretação. É um método aberto de investigação que combina a observação participante e as entrevistas não dirigidas, aliadas a uma aproximação prolongada aos sujeitos que compõem o estudo, lembrando que a investigação não se faz *sobre* um grupo social, mas *com e a partir* dele.

Em outra abordagem, Hine (2004) trata da perspectiva etnográfica a partir do compromisso central de desenvolver uma compreensão profunda do social através da participação e da observação. A partir do entendimento da internet como cultura e como artefato cultural, a autora propõe o conceito de etnografia virtual como uma reavaliação dos fundamentos tradicionais da própria etnografia, que previa a presença prolongada do investigador em um espaço físico determinado. Hine defende a construção de uma etnografia virtual a partir das interações mediadas pelo computador, o que pode ser aliado ao deslocamento para além do ambiente da própria internet.

Uma análise de caráter etnográfico na internet deve levar em consideração as circunstâncias particulares de produção e consumo de seus ambientes comunicacionais, ou seja, o contexto social em que estão situados. Assim, também nos reconhecemos no



esforço pela construção de uma estratégia metodológica que busque explicitar seus percursos e suas tomadas de decisões.

Portanto, nos valem de algumas proposições da chamada etnografia virtual – também entendida como *netnografia*, como referido por Sá (2001) – e buscamos uma aproximação que combina a inserção no contexto online em que estão inseridos os sujeitos colaboradores da investigação e, em uma segunda etapa da pesquisa, nas interações que se dão offline.

Observação exploratória: mapeando *web-diaspóricas*

No estágio atual da pesquisa, partimos de um levantamento inicial de sites, blogs e outros ambientes comunicacionais na internet ligados às migrações, com recorte de experiências relacionadas à identidade migrante de latino-americanos. A opção se deu em função do contato, em outras pesquisas, com esse coletivo e à riqueza do material produzido na web em relação às migrações de latino-americanos pelo mundo.

Foi realizada uma observação exploratória, por meio da pesquisa em sites de busca e do acesso a sites identificados em pesquisas anteriores através do relato de entrevistados (BRIGNOL, 2010), que resultou na coleta de dados parciais por meio do mapeamento e análise de 20 *web-diaspóricas* ligadas ao contexto das migrações de latino-americanos. As características iniciais destas plataformas virtuais analisadas foram: âmbito no qual são produzidas; a que grupo de migrantes são dirigidas; principais temas abordados; contexto de produção; objetivos; elementos estruturais das plataformas na web e possibilidades de interação das páginas.

Dois aspectos gerais são tensionados para a análise inicial das *web-diaspóricas*: a estrutura e as conseqüentes lógicas de comunicação e interação desses ambientes comunicacionais; e o âmbito de produção observado. Quanto à estrutura, percebemos diferenças entre sites de notícias, blogs, portais e guias informativos, identificados nesse primeiro levantamento. Quanto ao âmbito de produção, há incidências de lógicas diversas entre os ambientes comunicacionais criados e geridos por coletivos migrantes, como entidades formais, ONGs, instituições constituídas, e blogs e sites pessoais ou mantidos por grupos menos hierárquicos e mais dinâmicos.

Podemos destacar a recorrência de sites ligados a entidades religiosas que tratam de questões ligadas às migrações, como a Pastoral do Migrante⁷, o Instituto Migrações e

⁷ <http://www.pastoraldomigrante.com.br/>.



Direitos Humanos⁸, mantido pela congregação dos Scalabrinianos, assim como o Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios (CSEM)⁹, entre outros. Também se destacam sites de Organização não-governamentais (ONGs), entidades migrantes, associações culturais e de coletivos migrantes, a exemplo do *Soy migrante: tengo derechos*¹⁰, site do projeto “*Ciudadanía y Protección de los Derechos Humanos de la Población Inmigrante en Chile*”, ligado à fundação “*Instituto de la mujer*”, do Chile. Percebemos que essas *web-diaspóricas* se caracterizam como murais na web, mais informativos do que interativos. Seriam, na maioria dos casos, ambientes comunicacionais em que as potencialidades da web, como interatividade, multimídia e hipertextualidade, são sub-aproveitadas, quase como se fossem anteriores ao que se convencionou chamar como web 2.0, marcada por lógicas em rede mais dinâmicas e menos hierárquicas.

Por outro lado, foram mapeados blogs com caráter informativo e sites de notícias. Entre eles, podemos destacar o *Desde el Sur*¹¹, jornal digital que se constitui em alternativa comunicacional especializada na temática das migrações. Seu principal objetivo é informar e difundir, a partir de um enfoque intercultural, a dinâmica migratória a partir do “sul” do continente americano. Ao tratar a situação migratória por uma abordagem econômica, política, cultural e social, permite construir um olhar diferente daquele que é comumente abordado nas mídias tradicionais sobre o tema, mais redutoras da complexidade da questão.

Nessa mesma linha, estão os guias com orientações aos migrantes, com dicas quanto a leis e questões jurídicas relacionadas aos deveres dos migrantes no país de migração e ao acesso a direitos civis e sociais, além de relatos de experiências de migrantes, e orientações quanto a local de moradia, trabalho, legislação, lazer, etc. Este é o caso de El Guia Latino¹², que enfatiza expressões culturais latino-americanas em São Paulo, com agenda e indicação de restaurantes e bares, notícias, previsão do tempo, quase como se fosse um portal voltado para a comunidade latino-americana residente na cidade de São Paulo, criado também com o sentido de difundir a cultura latino-americana.

Em outra tipologia de *web-diaspóricas* mapeadas, identificamos casos de blogs informativos e com um caráter mais pessoal, como espaço de testemunhos e trocas entre

⁸ <http://www.migrante.org.br/>.

⁹ <http://www.csem.org.br/>.

¹⁰ <http://www.insmujer.cl/soymigrante/>

¹¹ <http://www.desdelsur.bo/>

¹² <http://www.elguialatino.com.br/>



quem vive a experiência da diáspora. No primeiro caso, temos o exemplo do *Blog del Migrante*¹³, voltado a latino-americanos na Espanha. Aqui, percebemos a presença de comentários e integração com sites de redes sociais, em uma lógica mais interativa.

Como relato em uma perspectiva pessoal, observamos o blog *Escombros Hablaneros*¹⁴, mantido por um migrante nascido em Cuba, que vive em Brasília, para tratar de temas relacionados a questões políticas. Com uma estrutura mais simples, o blog dá espaço para comentários que ajudam a atualizar o conteúdo postado, em uma dinâmica colaborativa. Como inspiração para criar o blog, o migrante relata: “*Son varios los motivos que me llevaron a crear este blog. Estoy a 12 años fuera de Cuba más específicamente de La Habana, esa ciudad maravillosa. Cuando se lleva tanto tiempo fuera de su cultura, de su idioma, se siente que una parte de uno muere lentamente a cada día que se levanta y se escucha buenos días en otra lengua*”.

O depoimento ajuda a entender como as questões de identidade atravessam os usos da internet, que passa a ser apropriada, muitas vezes, para reforçar sentidos de pertencimento, construir representações de identidades e culturas nacionais, além de dividir experiências comuns em torno da vivência dos fluxos migratórios. No caso dos sites de notícias, as *web-diaspóricas* atuam também na construção de versões mais plurais sobre as migrações contemporâneas. O que apontamos é que a tematização e experimentação de questões de identidades, em uma construção transnacional, são características comuns entre as *web-diaspóricas* estudadas.

Considerações finais

Seja através da troca de relatos de caráter individual entre migrantes, construção de críticas e reflexões sobre o processo migratório, produção de conteúdo informativo a respeito das dinâmicas migratórias com perspectivas diversas, as *web-diaspóricas* aparecem como alternativa para a manifestação e a comunicação de diferentes grupos migrantes. Mais do que isso, esses ambientes comunicacionais na internet são apropriados de modo a permitir a experimentação da própria identidade migrante, compreendida e significada sob diferentes aspectos.

Deste levantamento inicial, se propõe a ampliação dos ambientes comunicacionais observados e a posterior sistematização das *web-diaspóricas* mapeadas, de modo a identificar experiências diferentes e compreender suas

¹³ <http://blogdelmigrante.blogspot.com/>

¹⁴ <http://escombrosablaneros.blogspot.com/>



características, objetivos, dinâmicas comunicativas, além das possibilidades de interação entre seus produtores e consumidores. Em uma segunda etapa da pesquisa empírica, é prevista uma análise aprofundada de casos selecionados, que deve valer-se das especificidades da perspectiva etnográfica nos estudos na internet.

A construção de tipologias, até o momento, conta com seis categorias: sites ligados a entidades religiosas; sites de coletivo migrante; blogs informativos; blogs pessoais, de testemunhos; sites de notícias; e guias. Como sinalizamos, a categorização foi feita baseada nos critérios de produção (feito por ou para migrantes) e de estrutura/características do ambiente comunicacional na web, porém, um tipo não exclui o outro, pelo contrário, podem ser apropriados de maneira integrada e complementar.

Com a pesquisa, ao focar a atenção em plataformas na web desenvolvidas a partir de relações com a experiência da diáspora, buscamos estudar modos através dos quais sujeitos comuns, a partir de suas vivências cotidianas, interesses e intenções diversos, apropriam-se das potencialidades da web de modo a assumir o lugar de produtores de processos de comunicação e informação. Até agora, o que percebemos é que há uma pluralidade de características nas *web-diaspóricas*, tão diversas e dinâmicas quanto a própria web: de simples murais informativos, a ambientes dinâmicos, integrados a sites de redes sociais, com espaço mais efetivo para participação.

A partir da observação, é planejado um estudo das dinâmicas de produção, com uma aproximação aos criadores e/ou responsáveis pela manutenção por meio de um primeiro contato pela internet e de entrevistas (mediadas por ferramentas da internet e presenciais) realizadas com o objetivo de conhecer as motivações para a criação da *web-diaspóricas*, os sentidos da diáspora experimentados pelos sujeitos, os objetivos do site, suas rotinas produtivas, as interações através de sua dinâmica e inferências sobre seu consumo. Interessa aprofundar as percepções sobre a importância que as *web-diaspóricas* assumem para seus produtores e consumidores e entender, através de usos, o papel da internet como dinamizadora da própria experiência da diáspora.

REFERÊNCIAS

BRAMBILLA, Ana Maria. **Jornalismo open source**: discussão e experimentação do *OhmyNews International* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

BLANCO, Cristina. **Las migraciones contemporáneas**. Madrid: Alianza Editorial, 2000.



BRIGNOL, Liliane Dutra. **Migrações transnacionais e usos sociais da internet: identidades e cidadania na diáspora latino-americana.** 2010. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2010.

CARDOSO, Gustavo. **A mídia na sociedade em rede: filtros, vitrines, notícias.** Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Leitores, espectadores e internautas.** São Paulo: Iluminuras, 2008.

GILLMOR, D. **Nós, os media.** Lisboa: Presença, 2005.

GUBER, Rosana. **La etnografía: método, campo y reflexividad.** Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/UNESCO, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HINE, Christine. **Etnografía virtual.** Barcelona: Editorial UOC, 2004.

LANDZELIUS, Kyra (org). **Native on the Net: Indigenous and diasporic peoples in the virtual age.** London/New York: Routledge, 2006.

LEMOS, André. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Org.). **Olhares sobre a cibercultura.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Oficio de cartógrafo: travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura.** Santiago de Chile: Fondo de Cultura Económica: 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis (Org). **Sociedade midiaticizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006.



PIOTET, Dominique; PISANI, Francis. **Como a web transforma o mundo**: a alquimia das multidões. São Paulo: Editora Senac, 2010.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. In: **VIII Congresso Latino-americano de Pesquisadores da Comunicação**, 2006, São Leopoldo. Anais, 2006.

SÁ, Simone Pereira de. Netnografias nas redes digitais. In: **Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação**, 10, 2001, Brasília. Anais... Brasília: Compós, 2001.

SCOPSI, Claire. Les sites web diasporiques : un nouveau genre médiatique? In : **TIC & Société**. v. 3, n. 1-2. 2009. Disponível em : <<http://ticetsociete.revues.org/640>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos?** Iguais e diferentes. Petrópolis, Vozes, 1998.